

FESTEJOS RELIGIOSOS NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE JUÇATUBA: FÉ, DEVOÇÃO E MEMÓRIA

Flávia Leite Gomes
Marinalva Monroe Garcês

A comunidade de Juçatuba localizada a dezenove quilômetros da cidade de São José de Ribamar-Maranhão, cuja extensão inicial era de 2.800 hc, atualmente correspondendo a 1.300 hc, faz divisa com o Porto de Santana ao Norte, Comunidade do Iguair ao Sul, Bahia de São José ao Leste e Comunidade do Bom Jardim a Oeste, foi reconhecida a 10 de maio de 2007, pela Fundação Cultural Palmares, junto ao Ministério da Cultura como remanescentes das comunidades dos quilombos, segundo art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988.

Tendo população equivalente a um mil e quinhentos habitantes, os festejos religiosos de matriz africana e portuguesa em Juçatuba são manifestações de significativa importância à comunidade dado fato de que estes externam nos rituais não só a fé de mulheres negras e descendentes, mas de toda comunidade, além de enfatizar os pontos convergentes e divergentes das mais diversas formas do sentir espiritual da população local, uma vez que é importante refletir sobre a existência destas, e, sobretudo, resistências aos olhares preconceituosos da sociedade, em especial quando se trata dos cultos africanos.

Sabe-se que tanto os quilombos quanto as irmandades religiosas instituídas pela Igreja, oficialmente liberadas e estimuladas entre a população negra, forma focos de resistência e manutenção das diferentes tradições africanas, cujas celebrações eram, até o século XIX, genericamente chamadas batuques. Os registros documentais, assim como as fontes orais dos diversos terreiros, atestam uma mudança significativa de posicionamento religioso com a chegada de um contingente maior de povos sudaneses, em fins do século XVIII e começo do século XIX. Os estados da Bahia, Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro representaram os solos mais férteis para o florescimento dos ritos africanos no país. (SCHUMAHER, VITAL BRASIL, 2007, p. 109).

Constam como manifestações religiosas no local os festejos de: São Sebastião, Nossa Senhora do Bom Parto, Sant'Anna, Nossa Senhora Mãe dos Homens e Festejo do Menino Jesus. Todas de cunho católico português e brasileiro, a princípio, mas com requintes de elementos simbólicos da África e Europa.

Outro fator a ser pensado cautelosamente no que diz respeito ao item religião, refere-se ao resgate memorial e genealógico da comunidade, via relato oral de mulheres que ao longo dos anos de transformação não deixaram cair em esquecimento sua história, sua origem, sua fé e razão de existir. “*Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade...*” (POLLAK, 1992, p. 205). Destacam-se nesse campo, duas figuras femininas de renome na comunidade, a presidente da Associação de Moradores Nossa Senhora Mãe dos Homens de Juçatuba, senhora Ivanilde Cascaes Monroe e a tesoureira do mesmo órgão social, senhora Marinalva Monroe Garcês.

Para melhor compreensão do fenômeno religioso no local é necessário ter conhecimento da origem da comunidade, os primeiros moradores, aspectos culturais, religiosos e econômicos. Nesse ínterim, deve-se o mérito do interesse em coletar dados histórico-genealógicos da já referida comunidade, à senhora Marinalva Monroe Garcês, que por meio de entrevista com o senhor João Francisco Monroe², verificou que no local o surgimento dos primeiros negros de sobrenome Garcês, eram refugiados de outros locais do Maranhão e estados próximos, responsáveis pela formação da comunidade quilombola de Juçatuba, provavelmente no ano de 1705, cujo nome correspondia ao fato de ter no local abundância de água doce, próximo a um imenso juçaral, que na época só poderia ser interligada à cidade balneária de São José de Ribamar via baía de mesmo nome à Leste de Juçatuba, hoje conhecida por praia de Unicamping.

Ainda de acordo com o relato do senhor João Francisco Monroe, a origem das famílias Monroe e Garcês deu-se com a chegada das Missões Jesuítas vindas da Inglaterra, onde o sacerdote Eduardo Monroe, ao celebrar uma missa na comunidade, se encantou com a beleza de uma jovem negra chamada Francisca Garcês, renunciando, deste modo, ao celibato e matrimoniando-se com a mesma, dando início aos primeiros Monroe e Garcês de Juçatuba: Alexandre Garcês Monroe, Tertuliano Garcês Monroe, Balbino Garcês Monroe e José Garcês Monroe, adentrando, posteriormente, à comunidade outros povos: Gouveia, Cascaes, Costa, Correa e demais que casados com os Monroe e Garcês passaram a constituir uma grande população onde o principal item diferenciador das outras é o grau de parentesco, quer de caráter materno ou paterno.

Durante esse período eram comuns atividades econômicas como: agricultura, com destaque para: a mandioca, o arroz, o milho e o feijão; e pesca de curral e camboa⁴

predominantemente feitas todo em artesanal, onde a segunda, era tida como acervo histórico da comunidade, uma vez que a invasão na praia de Unicamping por parte de loja de pedraria extinguiu não só o que restara da camboa, como também de uma casa de pedra, provavelmente construída por escravos entre fins do século XIX e início do XX.

Quanto à origem do cemitério, este foi fundado após o falecimento das duas filhas do ex-sacerdote Eduardo Monroe, que constituiu segundo matrimônio e isolou na mata as garotas, devido à tuberculose que as levou a óbito e induziu o senhor Eduardo à solicitação de licença para fundar no lugar um cemitério que hoje atende ao sepultamento de todos os juçatubenses.

Ao longo do tempo foram instituídas também algumas tradições culturais e religiosas até hoje mantidas: O bumba-meu-boi matraca de Juçatuba, Tambor de mina, Festejos de: São Sebastião, Nossa Senhora do Bom Parto, Sant'Anna, Nossa Senhora Mãe dos Homens e Festejo do Menino Jesus. No carnaval, uma brincadeira conhecida por entrudo/entrude³. Com o desenvolvimento do povoado, hoje reconhecido como bairro, surgiram também três Escolas Municipais: Escola Municipal Germano Garcês, Escola Municipal Prof^a. Rosa Raimunda Paixão Garcês, Jardim de Infância Moranguinho, um Posto Médico, um Grêmio Recreativo, vários campos de futebol, uma Associação de Bumba-meu-boi de matraca e uma Associação de Moradores, a qual vem atendendo às necessidades urgentes da comunidade, especialmente as de caráter político como: meios de transporte e a questão da invasão agrária na Praia de Unicamping.

2.0 FESTEJOS RELIGIOSOS NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE JUÇATUBA

Falar em manifestações religiosas num determinado tempo ou espaço requer sensibilidade ao que mais é enraizado no homem, a fé. E, falar dos festejos em comunidade quilombola sem, antes conhecer sua história, seu povo, suas riquezas, seria desconsiderar o valor destes elementos nas festas religiosas e relações estabelecidas entre os fiéis. Uma vez esclarecidas estas questões, serão descritos todos os festejos aqui mencionados, desde sua origem, fundadores, datas, concomitâncias perceptíveis entre estas, com destaque para aspectos pertencentes à Igreja Católica, posto ser nosso país um grande palco do hibridismo na América Latina, que na época da colonização, com a

vinda de escravos, associados à figura européia deram início a um processo de choque e imposição cultural, hoje mesclada em danças e festas populares nos mais diversos pontos do Brasil. (CARDOSO apud PEREIRA, SANTOS LEITE 2010, p. 02)

Nesse sentido, seguem abaixo todas as descrições dos festejos religiosos de matriz africana na referida comunidade.

2.1 FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO

Festejo de caráter europeu e africano, praticado na comunidade a mais de 85 anos, no Terreiro de Umbanda São Sebastião. Teve como fundador pai Pedro Maciel Costa, cujo terreiro era no quintal da própria casa, até falecimento deste, vindo a ser assumido pela filha Sebastiana Garcês Costa, parteira-negra e benzedeira, tendo atualmente como responsável a filha Rosa do Socorro Costa Garcês Maciel.

Desconhece-se a data de comemoração do referido festejo durante a vigência de pai Pedro Maciel no terreiro. Entretanto, quando a mãe Sebastiana Costa assumiu responsabilidades do festejo e toques no local, a data de comemoração a São Sebastião era 16 de janeiro, segundo aniversário do guia espiritual da mesma (Luciano Sousa Silva). Atualmente sob responsabilidade da mãe Rosa do Socorro Costa, a data passou a ser anualmente lembrada em 19 de janeiro, havendo, contudo, toque especial no dia 16 em virtude do guia ainda operante no barracão.

A organização e comemoração ao santo ocorrem 04 dias (19 de janeiro a 22 do mesmo) conforme a seguinte descrição:

19.01- Reunião com os filhos do terreiro para organização do festejo segundo desejo dos guias;

20.01- Abertura com ladainhas em latim com as rezadeiras da Igreja Católica do local, senhoras Rosilda Augustinha Monroe e Maria da Paz Monroe e demais devotos da Igreja, os quais jantarão separados dos filhos do terreiro, após encerramento dos cantos.

É importante ressaltar que, o segundo dia termina com o toque ofertado a São Sebastião;

21.01- Reunião dos filhos do terreiro durante o dia para preparo de comidas a serem oferecidas no almoço e noite. Término religioso do festejo com abertura de ladainhas e toque das 19:00 às 02:00 do dia seguinte;

22.01- Festa dançante ao som de radiolas de reggae contratadas pelos organizadores da festa.

Para além do momento festivo em estudo é interessante destacar informações sobre a responsabilidade memorial, de fé e genealogia presentes nos trabalhos desenvolvidos no terreiro: os dois momentos desenvolvidos nos toques, a cura e o tambor de mina, sendo o segundo diferente do primeiro por desenvolver trabalhos onde os voduns operam em questões de saúde física, mental e sessões mediúnicas, enquanto que o segundo reporta somente à dança. Cabe observar que é mantida somente a mina pela atual mãe em virtude da memória da dona anterior, mãe Sebastiana Costa, além de servir às necessidades dos devotos da comunidade e desejos dos guias.

O terreiro tem por rotinas de toque todos os sábados (somente para os filhos) onde os mesmos devem dar 07 palmadas na Pedra do meio do mar, para sua proteção e preparação aos trabalhos desenvolvidos no barracão e às quartas-feiras para a comunidade devota dos guias espirituais.

Cada toque de mina procede a partir da batida e uso dos seguintes instrumentos sequenciados:

Tambor abatazeiro-guia (iniciado e concluído às mãos do filho Fabiano Costa Gracês);

Ferro (também iniciado e concluído Às mãos da filha Alcilene);

Tambor da mata (iniciado e concluído às mãos de Wellington Paixão Garcês);

Cabaças (iniciadas e concluídas às mãos de Richardson Correa Garcês e Raimundo Nonato Garcês).

O terreiro é composto atualmente por 37 filhos de santo e possui como divisões de espaço físico: o barracão, o quarto do segredo subdividido em duas partes (uma para o Preto Velho e outra para os guias operantes na casa) e o salão de dança.

Como principal símbolo sagrado tem-seas três Pedras- do- mar: uma no centro de salão de dança, cuja parte contém um buraco reservado às jóias para os guias, postos na fundação do terreiro, e as outras duas pedras, postas no quarto do Preto Velho e quarto do segredo, para proteção não só dos filhos da casa como do próprio terreiro.

Estão dispostos sobre a mesa do quarto do segredo, imagens de santos: São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição, São Francisco, Cosme e Damião, Iemanjá, São Jorge, São José de Ribamar, Nossa senhora de Lourdes.

Consta uma mesa de brinquedos ofertados aos guias e ao lado preparo de banhos com ervas medicinais, além de defumador para ritos iniciativos dos toques.

No quarto do Preto Velho, têm-se imagens de Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, etc. além de uma bíblia, taças e velas.

2.2 FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO BOM PARTO/ NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS

O festejo surgiu segundo iniciativa da família Cascaes, que segundo relato oral, ocorreu quando a senhora Naura Félix Cascaes, grávida do primogênito, prometeu ser devota permanente caso obtivesse bom parto, uma vez atendida solicitação, a mesma junto ao marido, senhor Alfredo Cascaes e familiares estabeleceriam, sociedade para contribuir para a execução da festa religiosa ano após ano.

Ainda que inicialmente o festejo tivesse caráter predominantemente fraternal, foi-lhe atribuída a questão da fé, presente na ideologia feminina da comunidade.

O festejo data do dia 02 de fevereiro, tendo início nove dias antes, cuja abertura dá-se com o erguimento de um mastro ornamentado com frutas e bebidas, seguida de ladainhas em latim e cânticos à Santa Maria nas casas de todos os devotos, além de escritas e recolhimento de cartas (solicitações de bons votos à família: saúde, paz, harmonia, felicidades, etc.) e jóias (valor em espécie para o custeio do evento religioso) até a culminância da festa.

Às vésperas do término do festejo são determinantes como ritos de encerramento: uma missa (pela manhã), seguida de almoço ofertado à comunidade, onde o prato principal é a feijoada.

No dia 02, dia da santa, ocorre a apresentação da dança de origem africana conhecida por carimbó, onde um grupo de mulheres vestem saias rodadas e dançam casa após casa, sob o ritmo dos tambores e pandeiros, solicitando a oferenda de bebidas, culminando em leilão de alimentos, animais e objetos de valor e derrubada do mastro.

2.3 FESTEJO DE SANT'ANNA

Teve início com a chegada da professora e parteira Rosa Raimunda Paixão Garcês, em 1940, que sem filhos e muito religiosa, fundou um terreiro de tambor de mina no quintal de casa, ofertado a Santo Antonio. Ao falecer assume o terreiro a mãe de santo, Maria da Glória Monroe, cultuando desde então Sant'Anna. Atualmente o festejo é de responsabilidade de dona Graça de Fátima Monroe, que não aceitando a desígnio de mãe de santo encerrou o rito de tambor de mina no terreiro, gerando problemas de ordem espiritual a sua família e a si própria.

Juntamente ao festejo de Sant'Anna foi inserida a Festa do Divino Espírito Santo, a qual não tem ocorrido anualmente por ordem da intervenção espiritual dos guias que requerem o retorno das atividades do terreiro.

O Festejo de Sant'Anna tem início sete dias antes da culminância (dia 26 de julho), a partir do erguimento do mastro ornamentado com frutas e bebidas e ladainhas em latim, direcionadas pelas rezadeiras, senhora Rosilda Agustinha Monroe e Maria da Paz Monroe.

Ao término do festejo precedem o derrubamento do mastro e o fechamento da tribuna.

2.4 FESTEJO DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS

Festejo da santa padroeira do local. Teve início, segundo registros orais, através do culto de um senhor de escravos português à santa, quando este foi obrigado a retornar a Portugal para tratamento médico de um de seus filhos. Assim, os escravos passaram a ter devoção à santa, cujos elementos peculiares à festividade são: ausência de erguimento e derrubamento de mastro ornamentado, apresentação de danças de caráter africano (carimbó e tambor de mina), restando somente as ladainhas e o leilão de jóias (roupas, sapatos, objetos de valor) para o custeio da festa religiosa.

Sempre comemorada a partir da primeira lua cheia do mês de outubro, o festejo apresenta caráter centenário, sem liderança específica, haja vista o festejo ser de responsabilidade de toda comunidade.

2.5 FESTEJO DO MENINO JESUS

Tem provável origem por volta de 1940, tendo por chefe o senhor Luís Gouveia, passando a assumir a direção, após falecimento deste, a senhora Maria da Conceição Lima Durans, filha da casa, moradora do bairro São Raimundo, mas com parentesco na comunidade de Juçatuba.

O presente festejo difere dos demais por ter caráter espírita (européia), mesclado a elementos da religião católica (imagens e encenação do império; presente na Festa do Divino Espírito Santo) e africana (dança do carimbó às vésperas do encerramento da festa).

Tem início dia 16 de dezembro, sendo o mastro erguido somente no dia 19 e derrubado às vésperas do término da festa que vai até o dia 28, além de abertura também com rezas em latim, pelas rezadeiras Rosilda Agustinha Monroe e Maria da Paz

Monroe. É dada culminância no dia 25 com missa, almoço, ciência (sessão espírita em mesa branca), procissão e festa dançante. Um aspecto interessante do ritual do passe na casa é a ausência de água fruidificada aos médiuns partícipes e demais pessoas que freqüentam assiduamente a casa.

De caráter similar ao Festejo de Nossa Senhora do Bom Parto, o Festejo do Menino Jesus também faz uso de cartas e leilão para custeio do festejo. Vale observar também que a casa só é aberta às quartas-feiras, com exceção ao período do festejo que disponibiliza entrada todos os dias, com fins de preparo para a comemoração e culminância desta, cuja finalidade é reafirmar a fé, memória e resgates genealógicos da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever todos os festejos religiosos presentes na Comunidade Remanescente Quilombola de Juçatuba, observou-se que estiveram presentes a todo tempo, elementos do culto afro, como: tambor de mina associados significativamente aos deculto espírita e, com destaque a elementos católicos. Entretanto, é comum em todos, as ladainhas em latim, cujas rezadeiras, pertencentes à Igreja Católica Nossa Senhora Mãe dos Homens também são partícipes nos mais diversos eixos religiosos do local. Uma outra particularidade de semelhança entre as manifestações são os variados usos de imagens de Santos tais como: Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora do Bom Parto, São Sebastião, São José de Ribamar, Nossa Senhora da Conceição.

Grande parte dos festejos apresenta como elemento ritualístico inicial e final o erguimento e derrubada do mastro ornamentado com frutas e bebidas, comum nas festas do Divino Espírito Santo, diferindo, contudo, no toque do tambor de mina, sons das caixeiros e representação dos personagens centrais da festa, imperador, imperatriz, anjos e mordomo. Enquadram-se nessa análise os festejos de Nossa Senhora do Bom Parto, Festejo De Sant'Anna e Festejo do Menino Jesus.

As cartas e Jóias são comuns nos festejos de Nossa Senhora do Bom Parto e Festejo de Nossa Senhora Mãe dos Homens, ocorrendo o leilão somente no Festejo de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

A dança do carimbó, similar ao baiar do tambor de mina, somente é executado no festejo de Nossa Senhora do Bom Parto, pois após a morte do primeiro mestre da

casa espírita em 2009, senhor Luís Gouveia, deixou-se de dançar o carimbó no Festejo do Menino Jesus.

Segundo o pensamento do sociólogo Canclini, esta heterogeneidade, neste caso, na cultura de caráter religioso, é um meio de compreender a necessidade de uma não homogeneização “*com que o capital financeiro tende a emparelhar os mercados, a fim de facilitar lucros*”, ou seja, na comunidade pesquisada esta heterogeneidade reforça a idéia de não venda do produto cultural por ordem dos interesses econômicos, o que infelizmente tem sido vivenciado dentro e fora de nosso Estado.

Observadas estas particularidades, acredita-se numa reflexão sobre a importância da permanência destas manifestações, além de repensar sobre o possível desaparecimento destas devido ao desinteresse da geração atual em aprender todos os rituais presentes e levá-los adiante. Eis a complexidade do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 2008, p. 38.

CARDOSO, João Batista. Hibridismo Cultural na América Latina. Itinerários, Araraquara: n27p.79-90, Júlio/Dezembro 2008.

PEREIRA, José Valter; SANTOS LEITE, Andressa. O atravessamento das religiões de matrizes africanas e europeia nas Folias de Reis na baixada. VI ENECULT-Encontro de estudos multidisciplinares em cultura– Facom-UFBA– Salvador-Ba 2010, p. 02.

POLLAK, Michael, Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 205-212.

VITAL BRASIL, Érico; SCHUMAHER, Schuma. Mulheres negras do Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional. Publicado em parceria com a REDEH (Rede de Desenvolvimento Humano), 2007, p. 109.

¹Dado segundo pesquisa feita pela professora Marinalva Monroe Garcês em 2005. Professora especialista em Linguística pela Universidade Estadual do Maranhão.² Professora especialista em Literatura e Língua Portuguesa pela Faculdade Santa Fé.

²Bisneto do padre Eduardo Monroe, ministro pioneiro da Igreja Católica Nossa Senhora Mãe dos Homens de Juçatuba, que fora ordenado para o acompanhamento religioso deste local.

³Sendo a primeira feita em círculos e com uso de talos de palmeiras com o fim de dificultar a saída dos peixes pós cheia do mar, enquanto a segunda era confeccionada em pedras, no período escravocrata, construídos por negros escravos, não necessariamente em forma circular.

⁴Brincadeira carnavalesca com origem provável no século XVII, que consistia em jogar água nos foliões, que se mantinham em casa durante os três dias de carnaval, e urina, lama e demais dejetos nos que constituíam as camadas populares e festejavam nas ruas a brincadeira.